

AS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO LIÇÕES CURITIBANAS NA CONSTRUÇÃO DO MITO URBANO

Monografia apresentada como exigência parcial,
para a obtenção do título de Pós-Graduado
- "lato sensu" - do Curso de Especialização em
Linguagem, Imagem e Ensino de História, Setor
de Educação, Departamento de Teoria e Prática
de Ensino da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:

Prof.^a Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schimidt

CURITIBA

2000

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| <u>INTRODUÇÃO</u> | 1 |
| 1. APRESENTANDO O LIVRO DIDÁTICO LIÇÕES CURITIBANAS | 6 |
| 2. O SÍMBOLO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA | 11 |
| 3. O SIMBÓLICO, A EDUCAÇÃO E O LIVRO DIDÁTICO | 16 |
| 3.1 O símbolo | 18 |
| 3.2 O símbolo e a educação | 20 |
| 3.3 O simbólico e o Livro didático Lições Curitibanas | 21 |
| 4. A ICONOGRAFIA COADJUVANTE DO ESPETÁCULO | 26 |
| 5. A ICONOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DO SABER | 33 |
| <u>CONCLUSÃO</u> | 36 |
| <u>ANEXO 1</u> - Exemplos de propaganda veiculada na mídia escrita | 38 |
| <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> | 42 |

INTRODUÇÃO

O livro didático como instrumento de auxílio no trabalho do professor, em sala de aula, faz parte de um conjunto de ferramentas, e vai cumprir um papel de difusão e divulgação do conhecimento. A educação escolar, enquanto partícipe da prática social, utiliza-se desta ferramenta. Porém, com maior ou menor grau de penetração, o livro didático, reflete nos seus conteúdos, a concepção de mundo de quem o organizou. Seja o(s) autor(es) ou uma editora, ou até mesmo uma instituição específica. Portanto, ele não está isento dos aspectos político-ideológicos, que vinculam idéias e valores que, em relação ao real, podem não suprir as necessidades específicas da comunidade educativa ao qual foi adotado. Pode, também, apenas expressar, de modo geral, incluindo a iconografia, padrões culturais que perpetuam a relação de dominação, não só entre grupos, mas também entre classes sociais. Ou, apenas estar a serviço de uma determinada prática política.

A nossa intenção ao fazermos um estudo sobre o livro didático, é uma tentativa de demonstrar que a iconografia pode particularmente, ser manipulada apenas como reforço do texto escrito.

Escolhemos para análise o Livro didático Lições Curitibanas. Particularizamos apenas os conteúdos de história nos volumes de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, porque entre as diferentes maneiras em que se pode usar a iconografia, seja como ilustração, temática, exemplificação, documento, denúncia, etc. pode-se, também, usá-la como agente reforçador de uma prática política inserida num conteúdo, dentro do processo pedagógico, que vai privar o educando das possibilidades de interpretação da sua própria realidade. E, este vai ter diminuída a sua capacidade de interpretação desta realidade e passa a ser apenas um agente retransmissor de valores criados dentro de parâmetros politicamente planejados. O conhecimento, que não é estático, mas sim construído socialmente, passa a ser direcionado exclusivamente para seguir uma ótica de planejamento urbano. A iconografia neste sentido e, é o que pretendemos demonstrar nesta monografia, assume um papel como meio de transmissão de idéias, intencionalmente inseridas dentro de um contexto, apenas para reforçar uma prática política social que se deseja construir. Acreditamos que isto seja possível, já que a produção do Livro Didático Lições Curitibanas, faz parte de uma série de projetos educacionais da Secretaria Municipal da Educação. Queremos demonstrar que existe no discurso fundador que busca gestar para a cidade de Curitiba um determinado tipo de cidadão, a iconografia é utilizada apenas como serva deste discurso que busca dar origem à uma prática social.

Nesta monografia, trabalharemos noções de símbolo e representação. Utilizaremos a perspectiva de sociedade do espetáculo de Debord, amparados pelas noções de marketing urbano na ótica de Fernanda Ester Sánches Garcia. Queremos, também esclarece, que a noção de discurso utilizada será entendida na perspectiva foucaultinana, onde o foco está muito mais no conteúdo e no

contexto da linguagem. [Os discursos, no contexto de relações de poder específicas, historicamente construídas, e invocando noções de particularidades de verdade, definem as ações e os eventos que são plausíveis, racionalizados ou justificando uma prática qualquer num determinado campo da ação humana]. Portanto, ao fazermos referência a discurso, temos por intenção assinalar uma preocupação não tanto com o que as palavras significam quanto com a forma como as palavras, conjunto de sentenças e práticas relacionadas constituem determinadas formas de controle e disciplinarização. Tudo isto, lógico, reforçado por uma iconografia específica.

Estamos tentando, metodologicamente, assumir uma nova postura frente ao ensino de história, voltado exclusivamente para a reflexão de posturas frente o livro didático e a reprodução das imagens nele inseridas. Nosso encaminhamento terá como referência as discussões historiográficas da Nova História. Contemplaremos os pressupostos teóricos tradicionais indo além da simples descrição dos fatos, imagens e símbolos, ou seja, busca-se entender a história enquanto processo. Neste processo buscamos identificar as singularidade da dinâmica imagética do conteúdo que pretendemos analisar, situando no tempo e no espaço. Tendo esta preocupação, que é teórico-metodológica como referência nos colocamos constantemente frente a novos desafios no que se refere as fontes, a metodologia, as linguagens, as imagens e os símbolos. É neste perspectiva que pretende-se trabalhar os conteúdos em questão, utilizando-se da recorrência histórica (presente/passado/futuro) e, as instâncias de análise do cotidiano e do imaginário serão abordadas, porém, atreladas as abordagens do marketing político da urbe moderna.

A bibliografia utilizada nos forneceu os subsídios necessários para detectar a utilização das imagens apenas como reforço de uma prática política. Preocupamo-nos também com a questão das formas como o poder é exercido na construção de um determinado tipo de cidadão. Embora sem profundidade, esta discussão fizemos quando apresentamos nossa monografia de conclusão de curso¹. Mas ressaltamos que em nosso entender o exercício do poder pode ser definido em termos da forma pela qual certas ações podem estruturar o campo da ação possível de outras pessoas e, em última instância, essa ênfase leva a um foco no governo em seu sentido mais amplo, como a estruturação do campo possível da ação de outras pessoas. Ao entendermos o poder nesses termos, a individualização dos discursos, não apenas com o assim chamado sujeito e sua ação discursiva pluralista, mas também com temas tradicionais na economia política e, em particular, com uma crítica às formas de governo neo-liberais.

Discutiremos a gestão dos moldes que subsidiaram o reforço iconográfico num determinado tipo específico de marketing urbano discursivamente inseridos no Livro Didático Lições Curitibanas.

Começaremos nossa monografia com um apresentação do Livro didático Lições Curitibanas. Sua proposta, seu objetivo. A forma como a obra esta organizada. A divisão das unidades por série. As Lições Curitibanas e a Cidade de Curitiba. No segundo capítulo, abordaremos o símbolo como estratégia pedagógica e a sua utilização política no espaço urbano. No terceiro capítulo trabalharemos o simbólico. Definiremos símbolo e a força do símbolo na educação

¹ Monografia apresentada como exigência parcial, para conclusão da curso de História, à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica do DEHIS, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sob orientação da professora Maria Auxiliadora M. S. Schmidt. Curitiba, dezembro de 1995.

e a sua inserção no Livro Didático Lições Curitibanas. No quarto capítulo trabalharemos a iconografia como coadjuvante do espetáculo. Como ela é selecionada e utilizada para ilustrar determinados passados que, considerados como únicos e legítimos representam determinados presentes. Finalmente, no quinto capítulo, fazendo uma continuidade do quarto, trabalhamos a iconografia na construção de determinados saberes. Como ela ilustra o discurso inserido nas Lições Curitibanas dentro da lógica urbana e do marketing político.

1. APRESENTANDO O LIVRO DIDÁTICO LIÇÕES CURITIBANAS

O livro didático “Lições Curitibanas”¹ não pode ser entendido isoladamente, ele está articulado aos projetos e programas implementados pela Secretaria Municipal da Educação, tais como: Livro Didático Lições Curitibanas, Projetos Educacionais que visam concretizar a ação pedagógica nos diferentes segmentos, Faróis do Saber, Informática a Serviço da Pedagogia, TV – Professor, Rádio Escola, Programa de Capacitação Profissional, Programas de recuperação (específicos para as primeiras séries), Proposta Pedagógica da Educação em Tempo Integral, Educação Fundamental de Jovens e Adultos e Educação Especial.

Sua proposta é de ser um livro didático interdisciplinar, para todos os alunos de 1ª a 4ª série da Rede Municipal de Ensino, o que possibilitaria o estabelecimento das relações dos conteúdos com a prática escolar, favorecendo uma visão de totalidade pelo Plano Curricular da Secretaria Municipal da Educação. Tem por objetivo, segundo a própria equipe responsável pelo Projeto Livro Didático “Lições Curitibanas”, “Elaborar o Livro Didático “Lições Curitibanas” compatível em as diretrizes pedagógicas definidas no Currículo Básico da Secretaria Municipal da Educação em prol de um ensino de qualidade.”²

¹ No Projeto do livro didático Lições Curitibanas (1993-94), toda vez que aparece o termo Lições Curitibanas ele está entre aspas. Este é o motivo pela qual elas foram aqui transcritas.

² Projeto: Livro didático Lições Curitibanas. Curitiba 1993-94.

Assim segundo os autores, “LIÇÕES CURITIBANAS” é uma obra

fundamental comprometida a favorecer a postura interdisciplinar dos educadores. Os conteúdos propostos – saberes da cultura universal – produzidos historicamente num determinado espaço e tempo são apresentados dentro de um contexto político-social.

Cada texto, cada ilustração, cada proposição existente nesta obra permite fazer as mais ricas e variadas relações, trabalhando as diferentes áreas do conhecimento e sua interdependência, segundo os pressupostos teórico-metodológicos contidos no Currículo Básico da secretaria Municipal da Educação.”³

A obra Livro Didático Lições Curitibanas totaliza dez volumes, assim distribuídos:

- 1ª SÉRIE: 3 volumes, com 9 unidades (3 unidades no 1º volume, 3 no 2º volume e 3 no 3º volume). São abordados na Lição Curitibana⁴ aspectos gerais da cidade de Curitiba.
- 2ª SÉRIE: 3 volumes, com 10 unidades (3 unidades no 1, volume, 3 no 2º volume e 4 no 3º volume). A Lição Curitibana apresenta várias opções de lazer que Curitiba oferece a seus habitantes.
- 3ª SÉRIE: 2 volumes, com 11 unidades (5 unidades no 1º volume e 6 no 2º volume). O enfoque da Lição Curitibana é sobre a cidade de Curitiba ontem e hoje, sua história, sua memória.
- 4ª SÉRIE: 2 volumes, com 13 unidades (6 unidades no 1º volume e 7 no 2º volume). A Lição Curitibana enfoca mais especificamente a Urbanidade.

³ Op. Cit p. 2.

⁴ Lição Curitibana é um texto que relata fatos ou aspectos significativos da cidade de Curitiba, em consonância com os demais conteúdos trabalhados. Isto é dependendo do assunto abordado nos conteúdos, apresenta-se o que Curitiba fez, faz ou vai fazer relacionando-a como exemplos.

Entretanto, queremos esclarecer, que a nossa monografia, embora busque identificar no Livro Didático Lições Curitibanas, as imagens reproduzidas e identificadas como símbolos da cidade de Curitiba, isto é, imagens que remetam a cidade de Curitiba como exemplo e, criem nestas imagens uma relação de representação que eduquem o indivíduo, não para a pluralidade, mas para o objeto específico, que é o espaço da cidade de Curitiba, entendida numa relação onde o objeto representado, a urbanidade, constrói uma nova realidade para a realidade que já está lá. "Eles provocam uma fusão entre o sujeito e o objeto. Através de símbolos, coisas diferentes podem significar umas as outras e podem mergulhar uma nas outras; eles permitem uma variabilidade infinita, e ainda assim, são referenciais."⁵ Nós, privilegiamos os conteúdos de história, visto que, esta é a nossa formação acadêmica de graduação.

Dentro da proposta interdisciplinar das áreas do conhecimento, os seus conteúdos essenciais, estão fundamentados no Currículo Básico da Secretaria Municipal da Educação⁶ e, a sua principal característica é a abordagem dos mais variados aspectos da Cidade de Curitiba, objetivando abrir caminhos para o EXERCÍCIO DA CIDADANIA:

"Lições Curitibanas", é uma maneira diferente de aprender usando exemplos da própria Curitiba.

São livros adotados no ensino das escolas públicas municipais, reutilizados a cada ano e que irão ajudar na educação de até 100 mil alunos.

Mais que um livro didático qualquer, "Lições Curitibanas" é uma maneira de ensinar nossas crianças a ler, escrever, contar e amar a cidade através da paisagem, da memória e dos personagens de Curitiba. Depois disso, sabe o que seu filho vai ser quando crescer? Um verdadeiro cidadão Curitibano prá ninguém botar defeito."⁷

⁵ JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais**. IN: Textos em representações sociais p. 74.

⁶ CURRÍCULO BÁSICO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA, 1994.

⁷ Vide Anexo 1

Percebemos que, nesta obra, e é o que pretendemos demonstrar ao longo desta monografia que educar é formar um tipo específico de indivíduo voltado para o espaço urbano. É criar uma forma de melhor governar, ensinando cidadania através de uma memória que resgata símbolos específicos direcionando-os a formação para a representação de um espaço em potencial que é o simbólico. “Assim, é da essência da atividade simbólica – da atividade do espaço potencial – o reconhecimento de uma realidade compartilhada – a realidade de Outros.”⁸

Fica evidente, uma preocupação com a eficácia. Não há geração de questionamentos, mas sim, a procura de uma construção simbólica que de uma continuidade. É uma memória instituída que exige um discurso específico sobre a história que está sendo registrada, principalmente fixada pelas imagens de um discurso fundador que considera como norma o seu próprio modelo, o modelo de sua história, como se os fatos registrados pela própria memória fossem “puros”. No entanto, “... eles não existem nem podem existir numa forma pura: eles são sempre refratados através da mente do registrador. Como consequência, quando pegamos um trabalho de história, nossa preocupação não deveria ser com os fatos que ele contém mas com o historiador que o escreveu.”⁹ Quanto “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”¹⁰

Fenômeno individual e psicológico, a memória está ligada, também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita, em nossa

⁸ JOVCHELOVITCH, Sandra. Op. Cit p. 74

⁹ CARR, Edward Hallet. Que é história? p.23

¹⁰ LE GOFF, Jacques. História e memória. p.447

caso das imagens escolhidas e, no caso das "Lições Curitibanas" é objeto da atenção do Estado que, para conservar traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documentos, faz escrever a história, acumula objetos e imagens. Isto é, manipula as informações exemplificando-as com imagens, revertidas em símbolos, direcionando-as a um presente específico: o de um olhar carregado de símbolos para a cidade de Curitiba. A identificação da cidadania não se dá pela experiência cotidiana, nem da vivência, nem das contradições, mas sim, através da imagem resgatada como sendo o ápice da modernidade. Como se o passado nada mais fosse que o anunciador de uma nova era, de uma nova concepção de administração, é como se a vida fosse um espetáculo e, a própria cidade, a extensão deste espetáculo individual. É o próprio indivíduo, que numa simbiose se auto-reproduz, é produzido e se identifica com a cidade. É como um membro a compor os tentáculos de uma criatura virtual elaborada a partir de uma concepção ufanista, porém, não real. Por isto a utilização do símbolo como reforço e estratégia pedagógica.

2. O SÍMBOLO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Estudar história é estabelecer uma relação com o passado. Escrever história é reconstruir um passado, circunscrevê-lo, organizar todo um material heterogêneo de fatos para construir no presente uma interpretação suficiente que dê conta de explicar o que passou. Não queremos dizer com isto que se deva estabelecer uma relação dogmática com o fato. O todo se deixa construir e, a forma como ele é construído é que possibilita as mais variadas interpretações. No entanto, é o historiador que busca captar o processo histórico manifesto em toda a sua produção cultural, seja no relacionamento do homem com a natureza, ou dos indivíduos entre si. Captar o processo de construção desta memória organizada e resgatada envolve detectar o conjunto de transformações quantitativas e qualitativas desde o início da formação de determinado fato. No entanto, no Livro Didático Lições Curitibanas, já está construído um presente apontando um futuro a que se quer chegar. Os textos, as imagens, os símbolos, passam a ser meramente um justificador histórico deste presente. Nós como historiadores não temos como saber exatamente o que aconteceu no passado e como aconteceu. Os vários métodos utilizados na busca de clarear o passado, têm suas vantagens e suas limitações. É, portanto, neste momento, que se faz um aproveitamento de determinados passados.

Vejamos o seguinte exemplo baseado no cotidiano econômico: a MOEDA.

A forma como a moeda passa a fazer parte do cotidiano humano, e nas suas relações como instrumento para facilitar a troca, servindo como instrumento de medida de valores “é um meio de pagamento que permite ao portador adquirir bens ou serviços ou liquidar uma dívida. É um título jurídico que materializa o crédito de um montante determinado, que o portador tem na sociedade. O repasse deste título a uma outra pessoa torna esta, por sua vez, credora da sociedade, o que lhe permitirá adquirir os bens e serviços que lhe são necessários”¹. Porém, é trabalhada no Livro Didático Lições Curitibanas, apenas como um processo de evolução nestas relações e não é explorado toda as possibilidades, inclusive políticas, e no processo de formação das nações. É exposta de maneira mais exótica e evolutiva do que propriamente uma produção cultural, até chegar em nossos dias. Em Curitiba com o vale transporte². Mas o vale transporte não é moeda? Ou é? O que nos interessa é a relação simbólica criada aqui. Como se processa a criação de mais este símbolo? Na prática cotidiana o vale transporte deveria ser usado como instrumento de troca nos ônibus de transporte coletivo da capital, mas é comum o vale transporte servir como instrumento de troca nos mais variados estabelecimento e nas épocas de campanha política ser usado como propaganda dos partidários políticos envolvidos no processo de aprovação deste benefício que o trabalhador conquistou. É comum surgirem propagandas relacionando o vale transporte ao sistema de transporte urbano de Curitiba. Ou, quando o político é do partido contrário se faz referência ao vale como benefício adquirido pelo trabalhador e como um direito conquistado por políticos

¹ Cf. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova cultural. Edição feita para circular junto com as edições dos jornais Folha de São Paulo ou O Globo. 1998. Fasc. 17 p. 4036

² Lições Curitibanas, 1ª série, volume 3 – unidade VIII, p.562-65.

paranaenses. Não se questiona, aqui, a questão ética, mas sim a utilização de um instrumento de troca, que passa a ser relacionado com o sistema de transporte urbano – remissão ao símbolo criado e feito presente. Mas não é um sistema de transporte coletivo qualquer. É um transporte que serve de exemplo para as soluções dos problemas urbanos de transporte. O vale transporte passa a ser um passaporte para a modernidade.

Uma linha experimental do ligeirinho e as estações-tubo foram implantadas – em abril de 92 – em Manhattan – Nova York. Este fato foi exaustivamente difundido pela mídia, sendo que o tom da mensagem destacava que, a partir de então, Curitiba não era apenas uma cidade semelhante às de Primeiro Mundo, como também, e justamente este era o fato destacado como transcendente, era agora o Primeiro Mundo que “copiava” e incorporava soluções curitibanas: “Ligeirinho nos EUA. É Curitiba agora lançando idéias para o mundo”. O sentido de pertencer à cidade modelo, o “orgulho de ser curitibano” era subjacentemente destacado nesta mensagem.”³

Esta relação não é feita somente com o ligeirinho e as estações tubo. Ela será, também, associada com as agências bancárias do BANESTADO, cheques e cartões magnéticos.⁴

Ao estabelecer a relação ensino/aprendizagem uma das coisas que o professor utiliza como documento é o livro didático. Ele oportuniza a familiaridade do aluno com o real, passado ou presente. Porém este real já está construído, na forma como os conteúdos foram organizados. Vejamos mais um exemplo, retirados do Livro Didático Lições Curitibanas: o trabalho.⁵

³ García, Fernanda Ester Sánchez. **Cidade Espetáculo: política, planejamento e city marketing.** p.59

⁴ Op. Cit p. 572-73

⁵ Vide Anexo 5 - 1ª Série – UNIDADE II e VIII

O trabalho, na 1ª série aparece como sub-itém do conteúdo sobre o modo de viver nas cidades hoje. Faz um retorno ao passado e trabalha como o modo de viver dos primeiros homens; na 2ª série aparece articulado com a cidade de Curitiba em relação a outras cidades hoje.⁶ E, na unidade IX, articulado, com a fábrica; na 3ª série, quando trabalha a formação da sociedade brasileira, articulado ao trabalho indígena. Cruza todos os períodos da divisão histórica do Brasil: Colônia, Império, República, culminando na unidade IX, 3ª série, com a cidade de Curitiba e seu espaço urbano – a indústria, o comércio, a prestação de serviços, o trabalho e as condições de vida; na 4ª série está ligado diretamente a ocupação do espaço paranaense: o extrativismo, a colonização do norte e Sudoeste do Estado. Segundo os autores do Livro Didático Lições Curitibanas, este encaminhamento metodológico

“... possibilitará ao aluno a compreensão das diferenças e semelhanças que estão presentes nas sociedades, ao mesmo tempo em que ele próprio deverá se situar na sua realidade.

A esse trabalho de reflexão sobre a realidade de hoje se coloca a questão foi sempre assim?

Através do estudo das sociedades em outros tempos – O MODO DE VIDA DOS PRIMEIROS HOMENS, NAS PRIMEIRAS ALDEIAS – o aluno terá a compreensão do movimento que está presente na construção destas sociedades.”⁷

Não podemos pensar a idéia de trabalho dentro da concepção que temos hoje. Cada sociedade busca encontrar soluções para os seus diferentes problemas e dificuldades dentro de parâmetros específicos de sua própria realidade. Querer transpor a barreira do tempo e passar a idéia de trabalho que temos hoje como sendo fruto de uma ordem natural desenvolvida pelos séculos

⁶ OP. Cit. - 2ª Série – UNIDADE II

⁷ CURRÍCULO BÁSICO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA. 1994 p.10

afora é negligencia, é uma exposição muito tendenciosa. Construir um passado que busque justificar uma idéia presente que se quer construir é forjar uma determinada interpretação sobre o fato. Ligar a idéia de trabalho a cidade na antigüidade clássica, ou mesmo partir dela não é possível. A cidade do trabalho é do século XVI em diante.

O conhecimento é construção, organização, classificação. Ele é construído através de modelos que convém a experiência ou às informações recebidas pelo sujeito conhecedor. Por isso, é preciso estar consciente que, para o aluno a compreensão dos assuntos propostos é um processo de conjunto, fundamentalmente diferente de uma composição de enunciados separados, que conduz a uma visão de conjunto. Isto significa que, na realidade, a criança percebe a realidade direta, imediata.

As categorias de pensamento elaboradas pelo historiador constituem objeto de saber mais do que o cercam. O historiador – em nosso caso, aqueles que elaboraram os conteúdos do Livro Didático Lições Curitibanas – cria seus objetos de saber e define as regras que o autorizam a dizer o que é verdadeiro ou falso.

Portanto, o modo construtor de uma realidade é definido por aquele que possui a autoridade para isto, o(s) autor(es).

3. O SIMBÓLICO, A EDUCAÇÃO E O LIVRO DIDÁTICO

Nós, educadores, temos que ter consciência de que vivemos num mundo pluralista, que exerce pressão e influências múltiplas, desafiando o educador contemporâneo à reflexão e posicionamento pessoal, fazendo com que não se feche em si mas, discuta com os demais educadores as possíveis influências que o meio, como um todo, ou particularizado, possa exercer sobre os educandos. Principalmente, adolescentes e jovens que são submetidos a solicitações, das mais variadas, num período de vida em que o própria personalidade e a construção de seus planos futuros estão presentes e em gestação.

De acordo com o objetivo geral, desta monografia, os diversos capítulos e, este em particular, se propõem a ser um convite à reflexão, sem a pretensão de esgotar o assunto, entrar no campo da psicologia, ou cultura de massas, expor o quanto o simbólico pode exercer de influências no educando. Até mesmo sobre o educador, que não está ausente do processo e, também, faz parte do meio. Não queremos em hipótese alguma afirmar que o meio é determinante ou que, a influência deste meio seja a única fonte de formação. Mas não podemos ser ingênuos e desprezarmos a possibilidade de que ele possa ser manipulado. O que queremos é demonstrar que a manipulação do simbólico é possível e cria um mundo que não representa o real cotidiano em que este educando esta inserido.

Num clima de liberdade, na riqueza da pluralidade, tendo como paradigma a construção dos valores democráticos, vamos ao longo deste capítulo desenvolver uma reflexão sobre o processo educacional, de forma a subsidiar a formação da consciência crítica mediante questionamentos e reflexões construir uma visão de homem e de sociedade como um processo de transformação contínua, possível de interpretações diversas, porém, nunca afastado do social, da economia, da política e da cultura.

Dentro de nossa proposta de monografia, vamos procurar entender o que é o símbolo e a sua representação, assim como a sua manipulação. Depois, no passo seguinte, passaremos a buscar no Livro didático Lições Curitibanas estas inserções.

Trataremos também de ampliar algumas dimensões de relação histórica e dinâmica entre o homem e a cultura, os discursos construtores de uma prática social e urbana, sob o enfoque de um homem comunitário e participativo, porque entendemos que o símbolo por si só não tem autonomia. Porém, a utilização que se faz dele, dentro de um processo político, pode influenciar o indivíduo e sua concepção de mundo. No entanto não podemos negar que na sociedade atual o conjunto de conhecimentos de um indivíduo e da própria sociedade pode ser alterado a partir de novas informações, que provocam adições, reestruturações ou mudanças, como também que há, por força do volume de informações que se apresentam, uma significativa mudança na forma de conhecer. E, em nosso entender, o livro didático também é uma fonte de informações. Por isso, pode provocar estas adições, reestruturações ou mudanças, fazendo com que o educando venha a formar uma série de concepções a partir destas informações que são tratadas no Livro Didático Lições Curitibanas como linguagem

documentária. Outro aspecto a ser considerado diz respeito à eficácia desta linguagem. Não somos ingênuos, portanto sabemos que essa eficiência depende do grau de adequação à literatura tratada e aos objetivos da instituição e de seu usuário, principalmente quando se priva o aluno de chegar a outros conteúdos programáticos desvinculados de uma política de Estado.

3.1 O símbolo

A palavra símbolo¹, segundo MONDIN, é de origem grega: *symballo*. Significa compor, colocar junto. O termo é usado para significar tudo o que se relaciona intencionalmente com alguma outra coisa, e por isso serve para evocá-la. Em geral, é considerada como sinônimo de sinal e faz parte da categoria dos signos. Estes “são alguma coisa que está no lugar de outra, sob algum aspecto. Isto é, está no lugar do objeto que ele representa”.² Exemplo claro nós temos no Livro didático Lições Curitibanas, objeto direto da nossa pesquisa, quando são trabalhados símbolos que representam o Paraná, como a Gralha Azul, a araucária, a pinha e, são fixados outros, além destes, para representar Curitiba como: a Catedral Metropolitana, o Jardim Botânico, o sistema de transporte e o prédio da TELEPAR.³

Vejamos dois exemplos sobre o símbolo:

¹ MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia, Problemas, sistemas, autores e Obras.** p.318.

² ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia.** p. 431

³ Livro Didático Lições Curitibanas. 1ª Série V 1, 1994

a) a palavra CANETA: não há nada, nem no som, nem na forma escrita, que nos remete à realidade por ela representada. Designar tal objeto pela palavra CANETA é um produto da razão que nos permite individualizar um objeto, diferenciá-lo dos demais. Além disso, tem a capacidade de tornar presente para a nossa consciência aquilo que por ventura estiver longe de nossos sentidos.

Portanto, em razão dos signos e dos símbolos, não precisamos da existência física da coisa para nos colocarmos perante elas. Criamos um mundo de idéias que nos permitem lembrar o que foi, o que é e projetar o que será.

b) o NOME: ao darmos nomes aos objetos⁴ estamos entrando no mundo do simbólico. Assim nós temos: nomes que identificam imagens e, imagens que ilustram livros e livros que são adotados, ou produzidos especialmente para serem livros didáticos. Apropriando-nos das reflexões de Circe Bittencourt⁵, questionamos de como são realizadas as leituras de imagens nos livros didáticos? As imagens complementam os textos dos livros, servem apenas como ilustração que visam tornar as páginas mais atrativas ou trazem um discurso fundador?⁶ Ao repetirmos determinados nomes estaremos, então reforçando a idéia do que ele representa e que estão presentes em nossa mente. Isto é, quando a escola na sua prática cotidiana, torna-se apenas reprodutora de um saber construído não levando à reflexão, nem a formação da consciência crítica e, sim, a reprodução de

⁴ Entendemos por objeto aquilo que se apresenta aos órgãos dos sentidos e é possível de ser quantificado e qualificado. Ou seja, detectado pelos órgãos dos sentidos e interpretado pela sensação.

⁵ BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. IN: O saber histórico na sala de aula. p. 69-89.

⁶ A noção de discurso é entendida na perspectiva de Michel Foucault (1992). **As palavras e as coisas** p. 58-60. Onde o foco está muito mais no conteúdo e no contexto da linguagem. Os discursos, no contexto de relações de poder específicas, invocam noções de verdade, definem ações e os eventos que são plausíveis, racionalizados ou justificados num dado campo.

comportamentos e normas de condutas adquiridas. Ou, até mesmo, criando outras formas de comportamento social e urbano.

3.2 O símbolo e a educação

Uma das características do simbólico é que eles são agentes de reunião. Nasceram de comunidades e a elas se destinam. Identificam os elementos de um grupo e os unificam. É o caso das torcidas uniformizadas dos clubes de futebol, que trazem nas bandeiras e camisas as cores de seus times, que entoam seus hinos antes das partidas, que gritam palavras de ordem impulsionando seus jogadores; o hino nacional brasileiro é cantado pelo povo e a bandeira nacional agitada durante encontros cívicos como comícios, desfiles, passeatas, atos públicos de solidariedade, protesto ou reivindicação. Pessoas que antes eram desconhecidas, que se reconhecem iguais, sentem-se irmanados e participantes.

O homem é um animal simbólico. Ele é capaz de criar e interpretar símbolos. Através do símbolo o homem sai do seu isolamento, se comunica, se relaciona, transcende a si próprio.

Os símbolos resgatados do real e outros criados pelas mídias para identificar Curitiba, e reproduzidos no Livro Didático Lições Curitibanas, visa principalmente, associar a algumas “intervenções urbanísticas como símbolos de modernidade”⁷ e a incorporação contínua deles no Livro Didático lições Curitibanas busca criar este elo de relacionamento entre os indivíduos através dos símbolos identificados com Curitiba.

⁷ GARCÍA, Fernanda Ester Sánchez. **Cidade espetáculo**: política, planejamento e city marketing. p.31-34.

Dentro desta ótica de modernidade e cidade de primeiro mundo, o Livro didático Lições Curitibanas torna-se também uma obra de fundamental importância, dentro do projeto de educação da Secretaria Municipal da Educação, porque supre uma proposta pedagógica com um material didático que torna-se um agente socializador, compatível e reforçador do mito curitibano. Diríamos até, busca gestar um cidadão compatível com o *city marketing*⁸, “O Livro Lições Curitibanas deixa de ser um sonho. Ele é uma realidade que irá consolidar uma educação pública de qualidade, através dos conhecimentos que desenvolvem o amor pela escola, pelo bairro, pela cidade, pelo estado e pela nação”. (...) ⁹. De maneira geral, o que diferencia o Livro Didático Lições Curitibanas de outros livros didáticos, é que Ele passa a fazer parte do simbólico que se identifica com Curitiba, e a reforça. Cria uma simbiose regenerativa que cria a imagem a ser preservada, reverenciada, aplaudida, amada e nunca atacada. Quando for é por aqueles que não compreendem a importância da mudança e são conservadores ou até mesmo reacionários.

3.3 O SIMBÓLICO E O LIVRO DIDÁTICO LIÇÕES CURITIBANAS

A forma de estruturalização do livro Didático Lições Curitibanas como agente socializador, apresentando um conteúdo explícito - A Lição Curitibana sobre o Jardim¹⁰ e o natal¹¹ (reforço da influência europeia associada a idéia

⁸ Expressão utilizada por GARCIA, Fernanda Ester Sánchez. Op. Cit p.105ss.

⁹ Apresentação do Livro Didático lições Curitibanas feita nas páginas iniciais, de todos os 10 volumes, pela Secretária Municipal da Educação, Liete da Rocha Blume.

¹⁰ Livro Didático Lições Curitibanas 1ª série vol. 3, unidade VIII p.572-73

¹¹ Op. Cit - unidade IX p.620-57.

cristã), desenvolve um conhecimento técnico e normas de conduta – e um conteúdo implícito – a relação com a autoridade (“... uma época em que o Prefeito de Curitiba via na educação a prioridade absoluta”¹²) é levado ao comprometimento desta com a escola e da escola com o educando e este com a cidade. O nome assume aqui, não mais a identificação do indivíduo com o meio pluralista em que esta inserido, mas do indivíduo com a cidade, a cidade, no caso como símbolo estilizado na consciência, que ao ser evocado desencadeia uma série de outras representações e relações que não as suas.

Ao expor normas e condutas, socializa o educando para a imagem e não para a reflexão cotidiana vivida e questionada, mas, simplesmente aceita. E, se não estiver de acordo com as suas necessidades, reclamar ou criticar leva a um sentimento de culpa por parte do educando. “Sou eu quem está errada”. Essa culpa será futuramente, em termos de repressão social interiorizada, um forte controlador social. Assim, ao mesmo tempo que a escola fica isenta da culpa, há o controle do desejo da criança, que será o cadinho do moralismo adulto.

Como escapar deste cotidiano sufocante? Somente através da contradição. De uma escola crítica ou, pelo menos, a possibilidade de questionar esta escola reprodutora.

Voltando a questão do nome, porque o nome é o símbolo das coisas que existem e das idéias que estão presentes em nossa mente, temos que buscar na imagem de Curitiba criada ao longo das décadas. É necessário que se faça a ligação com a presença do Estado, a nível municipal, como gerenciador de um projeto que busca criar um cidadão compatível com a construção da imagem de

¹² Apresentação o Livro Didático Lições Curitibanas feita nas páginas iniciais, de todos os 10 volumes, pelo então, Prefeito da Cidade de Curitiba Rafael Greca de Macedo.

uma Curitiba cidade modelo, planejada, capital da qualidade de vida, capital ecológica, capital de primeiro mundo¹³. A relação Curitiba – símbolo X nome, se dá no momento em que o educando, agora transformado em cidadão, se identifica com a mundo ao seu redor: a cidade. Mas, não é qualquer cidade. É Curitiba, a minha cidade.

Assim como amor, justiça, beleza, água, pão, sapato são símbolos que tornam presentes determinadas realidade; ecologia, lixo que não é lixo, parques, praças ruas, primeiro emprego, linha do ofício, pinha estilizada nas calçadas, transporte urbano, ligeirinho, Opera de Arame, passam a significar Curitiba. Assim, também o Livro Didático, neste contexto de sociedade passa a ser um elemento de identificação com Curitiba. Passa a fazer parte do espetáculo que é viver Curitiba. Ele torna-se, então vedete deste espetáculo e, “como vedete, o agente do espetáculo levado à cena é o oposto do indivíduo nele mesmo tão evidentemente como nos outros. Aparecendo no espetáculo como modelo de identificação, ele renunciou a toda qualidade autônoma para identifica-se com a lei geral de obediência ao desenrolar das coisas.”¹⁴ Porém, os símbolos para se solidificar, no caso o Livro Didático Lições Curitibanas, eles tem que ser reforçados e a mídia¹⁵ se faz presente e fica a serviço do discurso oficial.

Teremos, então, a identificação, nome – símbolo – Lições Curitibanas – cidade de Curitiba. Ou seja: braços abertos podem ser símbolo de acolhida; a pomba pode simbolizar a paz; o cheiro do tempero, anunciar que refeição esta próxima; a bandeira como símbolo da pátria. Em Curitiba teremos, farol do saber,

¹³ Sobre o assunto ver GARCIA, Fernanda Ester Sánchez. **Curitiba: A IMAGEM URBANA REVISITADA**, comunicação, cultura e planejamento. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional da ANPUR. Belo Horizonte, 1993. Sessão temática: Memórias, Identidades e Utopias.

¹⁴ DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo**. p.40

¹⁵ Ver Anexo 1

Informática a serviço da Pedagogia, TV-Professor, Rádio Escola, Programa de Capacitação Profissional, Programas de Recuperação, Proposta Pedagógica da Educação em Tempo Integral, Educação Fundamental de Jovens e Adultos, Linha do Ofício.

Sendo os símbolos criados pelos homens, podem ser por eles manipulados. Como têm grande poder em apelar e envolver os homens em profundidade, conferem poder àqueles que os utilizam. Poder de direção, dominação, sujeição.

Os símbolos podem ser usados para enaltecer, assim como, podem servir a diversas causas. Na educação, especificamente o Livro Didático Lições Curitibanas, podem ser usados como catalisador, ou seja, como um disseminador da ideologia urbana e planejada como exemplo de qualidade de vida.

O nazismo, o fascismo, o integralismo, o comunismo, o liberalismo, entre outras ideologias, desenvolveram simbologias próprias que vão dos gestos às cores, às formas, aos slogans. A estátua da Liberdade no porto de Nova Iorque, a suástica, a foice e o martelo, as camisas-verdes, o feixe de varas, são exemplos da manipulação do simbólico político, assim como determinadas propostas pedagógicas podem estar a serviço da redução e sujeição dos indivíduos de uma coletividade em benefício de determinadas práticas políticas. A substituição dos valores representativos, e que dão identidade ao indivíduo e ao grupo que ele pertence e convive, gestará um tipo de cidadão que se torna apenas espectador e não conseguirá perceber na dinâmica das relações a sua capacidade de transformar o real em que esta inserido.

Assim como os valores devem ser aprendidos na interação (os grupos, as comunidades e a sociedade direcionam as prioridades e ensinam um conjunto de

valores), as idéias de um modo geral são culturais, formadas na organização social e ensinadas aos que dela participam. Esquecer a pluralidade, o espaço para o diálogo, a crítica, em detrimento de uma prática de modernidade urbanística é estabelecer relações disciplinares que buscam a sujeição do educando, a submissão, a docilidade, a obediência, o conformismo.

4. A ICONOGRAFIA COMO COADJUVANTE DO ESPETÁCULO

Diante do quadro de profundas crises (políticas, econômicas e social) a educação é atingida diretamente, o estado procura de certa forma instrumentos de aproximação e de incorporação das massas populares mostrando a “intenção” de diminuir as desigualdades¹. A educação, então, passa a representar uma das estratégias destinadas a realizar a justiça social. O Livro Didático Lições Curitibanas vai além. Ele cria um vínculo específico entre o educando e a cidade de Curitiba. Cria um modelo construtor de uma realidade que é definida por aqueles que possuem a autoridade para isto. Utiliza a iconografia como reforço visual, diríamos até mesmo como testemunho concreto da própria história.

Conforme a necessidade de se construir um determinado presente, busca gerar um cidadão específico, curitibano e identificado com a estratégia do marketing urbano. Adotando para isto, um determinado conjunto iconográfico. É a imagem a serviço do convencimento. Elas vão servir como modelo de expressão capaz de transmitir tanto sentimentos como conteúdos, conforme Gonzáles, “... las Imágenes constituyen un capítulo fundamental de la comunicación humana”². O Livro Didático Lições Curitibanas torna-se um espaço em potencial para resgatar determinados símbolos curitibanos através de imagens. Você vê a presença na

¹ Ver nas páginas iniciais de todos os 10 volumes do Livro Didático Lições Curitibanas a apresentação feita por Liete da Rocha Blume – Secretária Municipal da Educação.

² Gonzáles, Manuel Antonio Castiñeiras. **Introducción al método iconográfico**. p. 39

ausência. O princípio teórico fundamental, então é, considerar que há uma relação entre imagens e interiorização de símbolos. Não estamos falando na recepção do conteúdo iconográfico e interiorização destes e exteriorizados na forma de determinados comportamentos assimilados. O que queremos dizer é que se busca construir sim, através da iconografia, produzir uma relação orgânica e não meramente adjetiva. Com isso busca-se a construção de um processo significativo histórico, como se aquelas imagens fossem naturais e não construídas, planejadas e postas como modelos diferenciados. É a cidade que é sedimentada no conteúdo didático. O sujeito não se apropria da linguagem iconográfica num movimento individual, ele é levado a uma apropriação social. Nela está refletida o modo como este sujeito deve compreender e assimilar o discurso gerenciador. Claro que a iconografia não é fonte exclusiva deste discurso, mas ela, é um agente reforçador dele.

O educando que assimila não somente reproduz, mas também irá produzir determinados comportamentos que não são exclusivos de sua formação, quando na realidade, retomam sentidos pré-existentes e estabelecidos, cuja função não é a de fazer uma seleção em relação ao meio, criando um elo com o contexto social, mas sim, introjetar o conceito do discurso oficial que despossui o sujeito pensante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento do sistema, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas em bases pedagógicas ideologicamente construídas e direcionadas a formação de um cidadão específico para a cidade de Curitiba. Ele, o educando, passa a ser o agente policiador que da continuidade ao projeto da cidade de Primeiro mundo. A presença do saber direcionado para a cidade de Curitiba não cria um processo de interlocução, que

se constitua a cada momento de forma múltipla. Ele é fragmentário e não permite a relação dinâmica, passa a ser uma ação de coisa produzida.

O Livro Didático Lições Curitibanas, é um produto da edição estatal que obedece diretrizes políticas vigentes. Portanto, esta sujeito a interferências variadas segundo um modelo gerenciador. Em sua construção, diversos conteúdos são selecionados e servirão como suporte básico e sistematizador dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares³. Assim sendo, é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época. Com as Lições Curitibanas, faz-se a ligação deste conhecimento e técnicas com a cidade de Curitiba e mostra-se como, de forma sempre exemplar, Curitiba supera todas as adversidades e se constitui numa cidade privilegiada, num modelo superador que encontra soluções criativas, práticas, modernas e arrojadas para as mais adversas circunstâncias.

Por exemplo, Lemer e sua equipe projetaram um novo sistema de transporte. O projeto, que passou a ser veiculado à população no início de 1991, já surgiu com uma marca definida para conquistar a aceitação – o “ligeirinho” e seu correspondente slogan: “pego o ligeirinho e chego, chego rapidinho”. As estações-tubo, os mais recentes elementos do mobiliário urbano, são apresentadas como mais uma expressão simbólica da modernidade. Comunicam uma intenção de “conferir a Curitiba um ar futurístico de quem se prepara par entrar no ano 2000” (Projeto, 152, maio, 1992). Pela forma como se apresentam, comunicam o seu caráter: são marcos representativos, espetacularizados, da “cidade que não para de inovar”.⁴

³ Projeto: Livro Didático Lições Curitibanas, 1993-94.

⁴ García, Fernanda Ester Sánchez. **Cidade espetáculo: política planejamento e city marketing**. p. 58-9

Faz o indivíduo sentir-se, também, um privilegiado. Um elemento participante, integrante deste sociedade de soluções. Porém, é uma estratégia reducionista, pois priva o indivíduo de ser um elemento atuante para ser um elemento preservacionista e espectador. Platéia.

Está construído, está planejado, o futuro será melhor, mais empregos, mais saúde, o melhor transporte, o ar mais puro, é a ecologia. Mas, e a conta quem paga? Enquanto o indivíduo, não atuante, mas preservador, o cidadão passa a ser um espectador passivo que recebe e não questiona. O Livro Didático Lições Curitibanas ao reportar-se tanto a cidade de Curitiba priva o educando de outras interpretações possíveis. Tira-lhe a visão crítica construída na pluralidade e impõem-lhe um método conservador de eterna platéia. Massa disforme que encontra uniformidade no simbólico, no irreal, na fantasia inconsciente de ser cidadão curitibano. Torna-se uno. Desfaz-se as diferenças sociais, econômicas. Abolidas as diferenças o status quo de ser curitibano passa a ser o elo unificador. O catalisador de todas as diferenças. Gostaria neste momento que nos lembrássemos de um dito popular: “barraco é barraco em qual quer lugar”, seja na Rocinha ou na Vila Ouro Verde. Certo! Não. Errado. os de Curitiba são urbanizados.⁵

Assim, o papel do Livro Didático Lições Curitibanas na vida escolar passa a ser o de um instrumento de reprodução da ideologia e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado. Não vamos menosprezar a importância da comunidade educativa que por sua intervenção e manipulação dos conteúdos podem chegar a diferentes leituras na sua prática pedagógica de sala

⁵ a Vila Tecnológica, construída no Bairro Novo, como exemplo de soluções para o problema da falta de moradias. Com materiais diversos procura-se construir casas mais baratas para atender à população de baixa renda.

de aula. O uso que os professores e alunos fazem do livro didático são variados e podem transformar esse veículo ideológico em instrumento de trabalho eficiente e adequado às necessidades de um ensino autônomo. Não podemos negar também a força da iconografia, representação do ideal curitibano branco, urbano e burguês.

As cenas históricas que “era o objetivo fundamental que justifica, ou ainda justifica, a inclusão de imagens nos livros didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizam a noção altamente abstrata de tempo histórico”⁶, no Livro Didático Lições Curitibanas fazem uma verdadeira apoteose à cidade de Curitiba. Veja as Lições Curitibanas⁷, são o exemplo mais claro desta tentativa de apresentar a Curitiba de hoje como um processo natural de evolução, de progresso, de cidade bem sucedida. Tudo isto reforçado por farta iconografia: os portais de Curitiba, tubo do Ligeirinho, Praça 29 de Março, fotos do Parques e Bosques com cenas de lazer, Teatro Opera de Arame, Guaíra, Jardim Botânico, Farol do Saber, Mirante da Telepar, Largo da Ordem, Boca Maldita, CIC, etc.

As relações que se estabelecem entre os homens, em sociedade, num esforço conjunto de organizar o seu modo de vida, constituem a realidade. Nesse contexto, o **indivíduo** se insere no processo das relações sociais constituindo-se em síntese dessas relações.

O processo de constituição da dimensão humana do indivíduo implica a **aquisição de conteúdos significativos** de uma sociedade; **conteúdos** que tenham significado no processo humano de produção da realidade e que remetam à compreensão do modo de constituição dessa realidade.⁸

⁶ Bittencourt, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In: O saber histórico na sala de aula. p. 75

⁷ Nas unidades do Livro didático Lições Curitibanas da 1ª Série, são abordadas na lição curitibana – “Aspectos Gerais da Cidade”; nos da 2ª Série, apresenta as “Várias opções de lazer que Curitiba oferece aos seus habitantes”, na lição curitibana; nos da 3ª Série o enfoque da lição curitibana é “Curitiba ontem e hoje, sua história, sua memória”, nos livros da 4ª Série a lição curitibana enfoca mais especificamente a “Curitiba urbana”.

⁸ CURRÍCULO BÁSICO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA – 1994 p. 3

Considerando-se que a educação escolar representa a possibilidade da apropriação pelo indivíduo do saber histórico acumulado. Das ações humanas gerados no interior da prática social, o que o Livro Didático Lições Curitibanas faz é expor uma iconografia que reforça o discurso oficial da cidade urbana e planejada. São imagens exemplificadoras que reforçam visualmente os conteúdos.

A proposta do Livro Didático Lições Curitibanas é de ser um livro didático multidisciplinar. Porém, as imagens dos bosques e parque (visual) e os conteúdos relacionados a vegetação não são mapeados (ontem / hoje). Porque será? Uma cidade ecológica deveria se orgulhar de suas matas, ou não? Além disso todo espaço de referência é centrado em Curitiba⁹. Questões físicas são desvinculadas das questões sociais e o espaço é analisado de uma forma fragmentada¹⁰. O reforço visual supre a carência de textos explicativos, feitos com poucas informações e sem aprofundamento.

O conhecimento não é estático, ele é construído socialmente. Na iconografia do Livro Didático Lições Curitibanas é intencionalmente construído e faz uma demonstração iconográfica que leva a identificação na Cidade de Curitiba da história pessoal que se reproduz do nível de micro para macro cosmos. Isto não leva a questionamentos, a mudanças, ao processo contínuo do homem que altera e interage com o meio e sim cria o conservadorismo o agente passivo, o telespectador maravilhado. A realidade passa a não existir na sua transmutação orgânica. Ela agora é planejada e exposta como símbolo de modernidade. é apresentada como social e historicamente construída. E o Livro Didático Lições Curitibanas cumpre a sua função de ator coadjuvante neste grande espetáculo. A

⁹ Livro Didático Lições Curitibanas, 4ª série, Unidade IV.

¹⁰ Open Cit: 4ª Série, Unidade IV, p.169.

sua iconografia complementa os efeitos especiais tão necessários aos olhos. Eles engrandecem o espírito. Afinal, as ilustrações permitem fazer as mais ricas e variadas relações. Não é qualquer um que tem um barraco com a visão de uma urbe metropolitana e cosmopolita cognominado cidadão de Primeiro Mundo.

5. A ICONOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DO SABER

Para explicitar a construção do saber que é resgatado pela iconografia no Livro Didático Lições Curitibanas, e vai gestar um determinado discurso, não poderíamos deixar de ilustrar, com a opinião de Michel de Certeau sobre o espaço que produz um discurso determinado. Assim temos:

“Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: (...) Ela está, pois, submetida a imposição ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”¹

Em certas épocas e culturas, domina a história institucional, porque esta encarna e legitima determinados regimes de verdades. “Uma instituição não fornece apenas uma base social a uma doutrina. Ela torna possível e, sub-repticiamente a determina.”² O ensino vinculado por instituição, neste caso a Secretaria Municipal da Educação, propicia e até mesmo justifica e legitima a produção de todo um discurso em relação a cidade de Curitiba. Esta instituição, ao

¹ Certeau, Michael de. **A escrita da história** . p. 66

² Op. Cit p.70

produzir uma gama de conteúdos, seleciona e relaciona determinados passados que considera como únicos e legítimos para determinado presente.

Este tipo de discurso produzido e reforçado pela iconografia nas Lições Curitibanas – “um texto que relata fatos ou aspectos significativos da cidade, em consonância com os demais conteúdos trabalhados”³ – destacaria três destes textos que evidenciam claramente a idéia de espírito ordenador. Progressistas e de Estado voltado para o bem público: Do pregão dos colonos as feiras livres;

Madrugada ainda os colonos carregam suas carroças com os produtos que colhiam nas plantações. Percorriam os caminhos em direção à cidade. O Largo da Ordem os aguardava. Era ali o local de parada.

Pouco a pouco as carroças iam chegando. (...)

Os cavalos eram desatrelados das carroças nas proximidades do bebedouro. Os colonos trocavam entre si as mercadorias de que necessitavam, para logo depois darem início ao pregão.

Amanhecia e pessoas apareciam de todos os lados. (...)

Atualmente, os curitibanos freqüentam as feiras livres espalhadas por toda a cidade que, além de hortifrutigrangeiros, oferecem produtos industrializados, gêneros alimentícios e artigos de uso doméstico (...)

Na década de 70, apareceram as feiras de artesanato. A mais famosa delas é a “Feirinha” (...)

As feiras são ponto de encontro, onde as pessoas acabam se conhecendo e fazendo amizade, num clima gostoso de descontração.”⁴

Do bonde de mulas aos dias de hoje;⁵ e, de vilinha à metrópole.⁶
Articulando as Lições Curitibanas com a iconografia ilustrativa, cujo sentido é delimitar uma tipologia das relações entre texto e imagem, superando a idéia de

³ Projeto: Livro Didático Lições Curitibanas. 1993-94.

⁴ Lições Curitibanas. 3ª Série, V 1 – UNIDADE III. p. 202-3

⁵ Op. Cit - 3ª Série, V 2 - UNIDADE X.

⁶ Op. Cit - 4ª Série, V 1 - UNIDADE I. p. 28-9

que uma (a imagem) é a identificação do outro (texto).⁷ Lições Curitibanas resgata a cidade que se transformou, e cumpre o seu papel de “urbe” moderna, que aponta caminhos, trás soluções. Mas, tudo isso porque ela, Curitiba, foi construída com a participação e o trabalho de TODOS que aqui se fixaram e a vontade e dedicação política de ALGUNS homens empreendedores que buscam o bem estar social público. “... Essa história institucional é um discurso ativo sobre a história que se está fazendo; e, como a história, esse discurso necessariamente evolui, mudando com constância seu sistema de referências, sofrendo toda espécie de metamorfoses, aceitando modos diferentes de escrever.”⁸ Deste modo, conforme a necessidade e de se construir um determinado discurso, adota-se determinado conjunto de fontes iconográficas. O educando passa a identificar a cidade pelo simbólico e o seu meio, com o espaço urbano. Tem que conservá-lo, amá-lo, protegê-lo. ser uma extensão viva da urbanidade.

“Em toda sociedade a produção de discursos é ao mesmo tempo. Controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos cujo papel é o de conjurar seus poderes e perigos, para obter domínio sobre seus eventos causais.”⁹ A extensão do discurso fundador inserido e ilustrado no Livro didático Lições Curitibanas, busca gestar uma disciplinarização em áreas da vida social através da educação pela utilização de determinado material didático. É claro que a educação foi discursivamente reestruturada de acordo com a lógica da urbanização. A educação não é tratada de forma diferente de qualquer outro produto que sirva para o marketing do espetáculo, como o ligeirinho, coleta de lixo, lixo que não é lixo ...

⁷ Cf. Gonzáles. **Introducción al método iconográfico.** (texto e imagem) p. 60-2.

⁸ Ferro, Marc. **A história vigiada.** p.23

⁹ Silva, Tomaz Tadeu da. (org.) **O sujeito da educação.** p. 211

CONCLUSÃO

A iconografia, referente aos conteúdos de história, analisadas no Livro Didático Lições Curitibanas, reforçam um conteúdo que está organizado segundo uma lógica que supõem que a História é composta de uma infinidade de fatos, identificados e isolados pelo historiador e encadeados pela narrativa. A cronologia é linearizada, confundida como uma corrente de causas e efeitos, em linha ascendente, cujo ápice é a cidade de Curitiba.

Este tipo de construção do saber serve como norteador para a criação de uma identidade curitibana. A forma como as imagens são inseridas e organizadas como ilustração nos textos, passam a idéia de progresso, de objetivo alcançado, de luta titânica contra o caos urbano, de que muita coisa ainda vai ser feita e o que foi feito foi o melhor possível. O mais arrojado, criativo, inovador e que serve de exemplo para muitas saídas no caos das administrações públicas urbanas. E, a manipulação dos símbolos criam uma representação do real urbano planejado,

Em hipótese alguma, foi nossa intenção lançar um juízo de valor sobre as realizações feitas em nível urbanístico, mas tão somente, demonstrar que através do material didático é produzida a construção de um discurso gestor de um

determinado tipo específico de comportamento social. A conservação e apreciação destas realizações, reforçadas pela iconografia abundante e, não, uma postura crítica e interrogativa frente ao empírico.

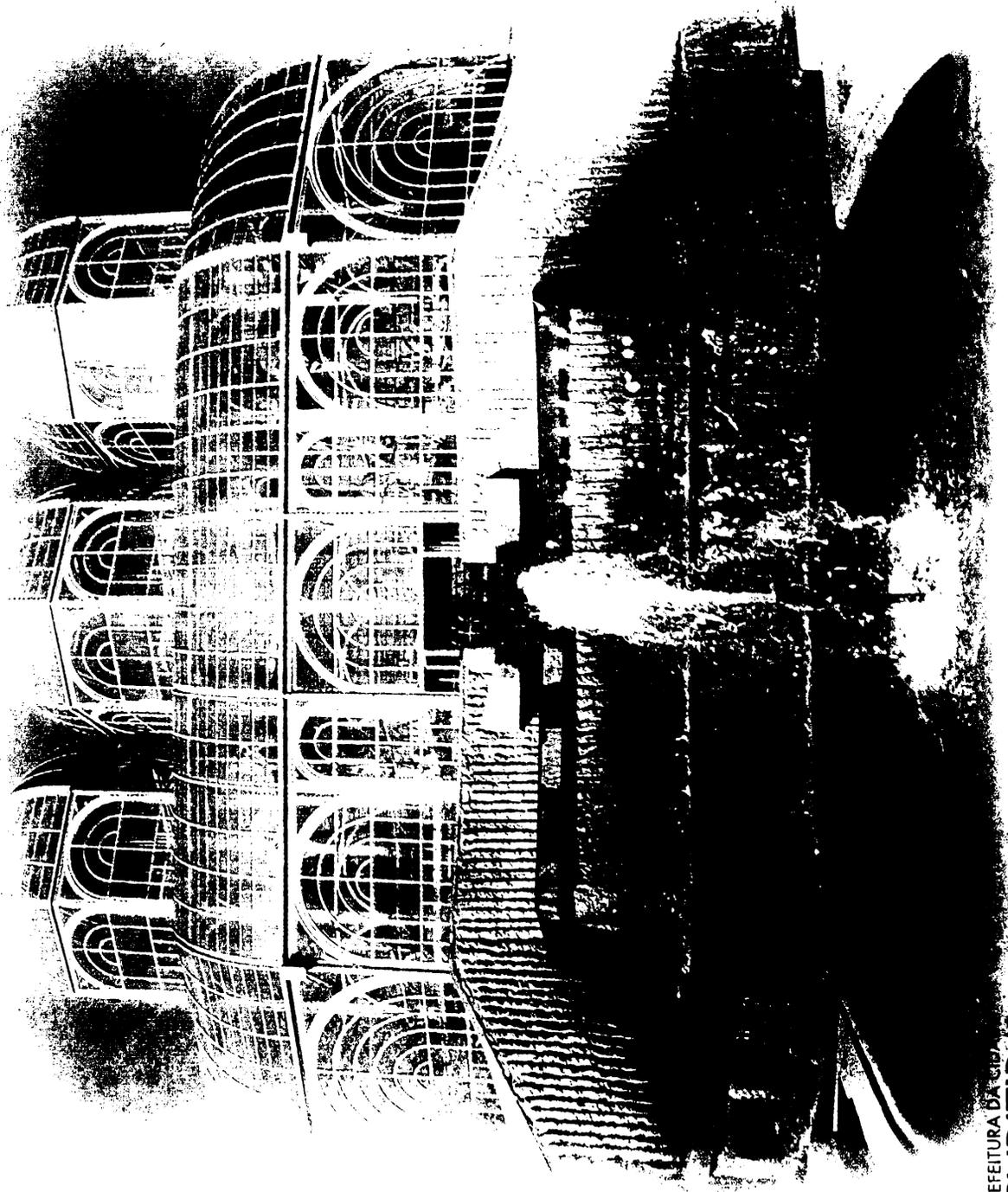
O Livro Didático Lições Curitibanas, utilizados péla rede municipal privilegia um estilo de marketing muito mais preocupado em convencer pela demonstração exaustiva de imagens e símbolos curitibanos do que servir como material de apoio pedagógico em sala de aula.

Não sou discípulo de Nietzsche, mas de certa forma, também acredito, não na forma de dogma de fé, mas como princípio norteador que a História é consciência. E, que, precisamos viver o presente e não nos anularmos no passado. Portanto, quando o Livro Didático Lições Curitibanas, é resgatado determinados passados, memórias ou lembranças, o faz como retorno a um passado reconstruído de forma linear e reforçado pela farta iconografia dentro dos moldes do marketing urbano, nega um dos valores mais fundamentais do educando, a sua humanidade. Eles criam um apropriação e não a superação porque o modelo urbanístico curitibano a serviço de um prática política necessita criar sua própria cultura.

ANEXO 1

Exemplos de propagandas veiculadas na mídia escrita entre os meses de maio e agosto do ano de 1995

JARDIM BOTÂNICO?



NAO, AULA DE CIÊNCIAS.



"Lições Curitibaanas",

uma maneira diferente de aprender usando os exemplos da própria Curitiba.

São livros adotados no ensino das escolas públicas municipais, reutilizados a cada ano e que irão ajudar na educação de até 100 mil alunos.

Mais que um livro didático qualquer, "Lições Curitibaanas" é uma maneira

de ensinar nossas crianças a ler, escrever, contar e amar a cidade através

da participação, da memória e dos personagens de Curitiba. Depois disso,

qual o que seu filho vai ser quando crescer? Um verdadeiro cidadão.

Curitiba ano pra ninguém botar defeito.

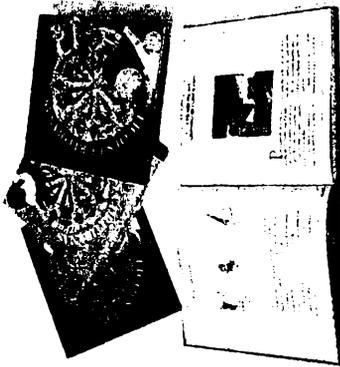
Curitiba tem muito pra ensinar.



LÍÇÕES CURITIBANAS
Um exercício de cidadania.

PORTAL DE SANTA

NAO, AULA DE GEOMETRIA.



"Lição Curitibaana".

um material diferente que apresenta um exemplo da própria Curitiba.

Seu livro adotado no ensino das escolas públicas municipais, reutilizado a cada ano e que irio ajudar

na educação de ate 100 mil alunos.

Mais que um livro didatico qualquer,

"Lição Curitibaana" é uma maneira de ensinar nossas crianças a ler,

escrever, contar e amar a cidade: atraves

da paisagem, da memoria e dos

personagens de Curitiba. Depois disso,

sabe o que seu filho vai ser quando

crescer? Um verdadeiro cidadão.

Curitiba pra ninguém botar defeito.

Curitiba tem muito pra ensinar.



LIÇÕES CURITIBANAS

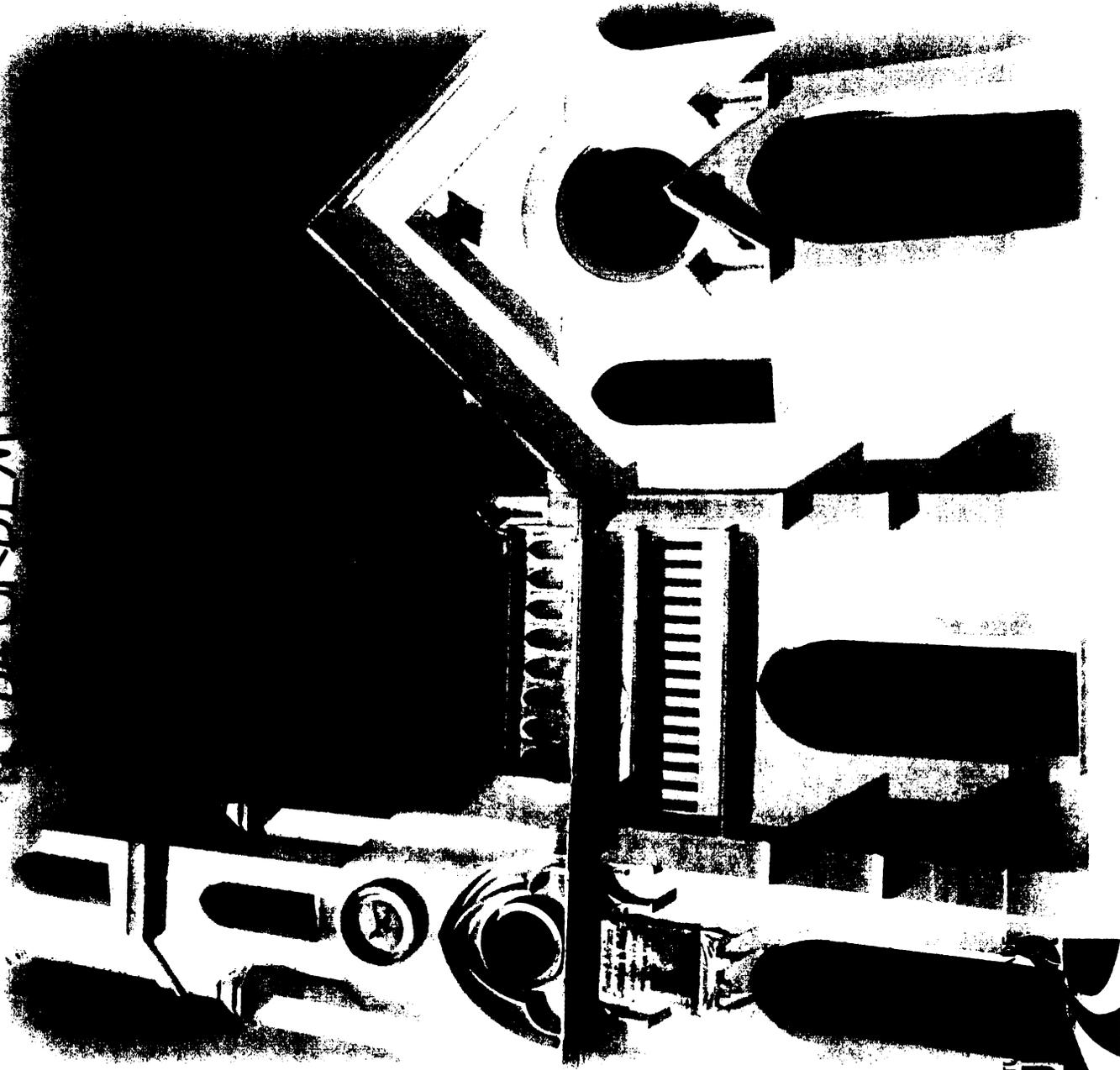
Um exercício de cidadania.

SANTA · FELICIDADE



LARGO
DA ORDEM?

NAO, AULA
DE HISTÓRIA.



"Lições Curitibaanas",
uma maneira diferente de aprender
usando exemplos da própria Curitiba.
São livros adotados no ensino das
escolas públicas municipais, reutilizados
a cada ano e que irão ajudar
na educação de até 100 mil alunos.
Mais que um livro didático qualquer,
"Lições Curitibaanas" é uma maneira
de ensinar nossas crianças a ler,
escrever, contar e amar a cidade através
da paisagem, da memória e dos
personagens de Curitiba. Depois disso,
talvez o que mais irá vir quando
crescerem. Um verdadeiro cidadão,
curitibano para ninguém falar diferente.

Curitiba tem muito pra ensinar.



LIÇÕES CURITIBANAS
Um exercício de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 1986. 443 p.
2. BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. IN: O saber histórico na sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
3. CARR, Edward Hallet. **Que é história?**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 130 p.
4. CASTIÑEIRAS GONZÁLES, Manuel Antonio. **Introducción al método iconográfico**. Barcelona: Ariel, 1998. 251 p.
5. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.
6. CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1995. 134 p.
7. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.
8. FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 157 p.
9. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 407 p.
10. GARCÍA, Fernanda Ester Sánches. **Cidade espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997. 168 p.
11. JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida dos outros**: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. IN: Textos em representações sociais / Sandra Jovchelovitch e Jaime Pinsky (org.). 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.
12. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992. 553 p.

13. MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**: Problemas, sistemas, Autores e Obras. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987. 328 p.
14. NADAI, Elza. **O ensino de história e a “Pedagogia do Cidadão”**. IN: O Ensino de História e a criação do fato. Jaime Pinsky (org.). 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.
15. SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO: **Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino**. Curitiba: Prefeitura da cidade de Curitiba, 1994.
16. _____. **Projeto: Livro Didático Lições Curitibanas**. Prefeitura Municipal de Curitiba. 1993-94.
17. SIVA, Luiz Cesar Kreps da Silva. **A construção do cidadão nas Lições Curitibanas**: Curitiba, 1995. Monografia – DEHIS – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
18. SIVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **O sujeito da Educação**: Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. 258 p.